



Refazendo um trajeto: 10 anos de Semiologia – A teoria do texto de Roland Barthes

Carolina Molinar Bellocchio

Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguístico, Literários e Tradutológicos em Francês da Universidade de São Paulo (USP). Contato com autor: carolinamolinarbellocchio@hotmail.com

Claudia Amigo Pino

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada de Literatura Francesa na Universidade de São Paulo (USP). Contato com autor: camigopino@gmail.com

Resumo: Este artigo parte da hipótese da virada de postura intelectual e escritural que Roland Barthes operou na década de 1960. Acreditamos que essa virada esteja ligada a uma nova maneira de Barthes se colocar em sua escritura, de incidir subjetivamente em sua produção, ligando a atividade acadêmica, profissional, a um trabalho de inscrição de subjetividade. Este trabalho pretende seguir algumas pegadas de modo a recompor o caminho trilhado por ele nesse período de 1961 a 1971-1972, no marco da década, de maneira específica o Seminário “10 anos de Semiologia – A teoria do Texto, oferecido na École pratique des hautes études. A fim de efetuarmos tal análise, propomos refazer parte do trajeto empreendido por Barthes através da leitura de trechos de alguns textos, tais como os *Elementos de Semiologia*, *Ensaio Crítico*, *A Aventura semiológica*, *Rumor da Língua* e do seminário sobre *Sarrasine de Balzac*.

Palavras-Chave: Roland Barthes. Semiologia. Teoria do Texto. Seminários. Virada subjetiva.

Abstract: Retracing a path: 10 years of semiology – Roland Barthes’ theory of the text:

This paper is based on the hypothesis of Roland Barthes’ intellectual and writing uprising effected in the 1960s. We argue that this shift is related to a new way of Barthes to inscribe himself in writing, to project subjectively in his own production, connecting his academic and professional activity to a subjective inscription work. This paper intends to follow some prints in order to go over Barthes’ track during the period of 1961-1971-72, specially the Seminar “10 years of Semiology – The Theory of Text”, proposed by him to mark a decade of Seminars at the École pratique des hautes études. In order to proceed with the analysis we propose to retrace the path made by Barthes through the reading of some texts, such as *Elements of Semiology*, *Critical Essays*, *The Semiotic Challenge*, *The Rustle of Language* and the *Sarrasine de Balzac* seminar.

Keywords: Roland Barthes. Semiology. Theory of the Text. Seminars. Subjective Shift.



“On l’a dit, la grande intuition barthésienne est que l’oeuvre est possible dès qu’on a trouvé une nouvelle façon de dire ‘Je’” (MARTY, 2002d, p.17)

1. Introdução

Neste trabalho, pretende-se fazer uma leitura da virada de perspectiva de análise semiológica empregada por Roland Barthes no intervalo de uma década. Tal período se estende de 1961 a 1971, momento em que Barthes foi Diretor de Estudos na École pratique des hautes études (EPHE). Ocupando essa função, o autor coordenou seminários que eram oferecidos a um grupo pequeno de alunos que estavam redigindo suas teses. O número restrito de participantes, assim como a postura não autoritária de Barthes, concorreu para que se criasse ali uma espécie de espaço falansteriano, em que a pesquisa, a fala e a escrita eram compartilhadas. Ocorrendo nessas condições, o seminário avançou adentro dos anos de 1960 até completar dez anos em 1971. É a propósito desse marco que Roland Barthes propõe que em uma parte do seminário, intitulado “Dez anos de semiologia (1961-1971) – A teoria do texto” – aberta a um público geral ávido por ouvir Barthes, tomando-o por mestre e responsável por causar-lhe um desconforto em relação a esse formato de seminário – fosse apresentado um balanço da pesquisa semiológica na França. Nessa apresentação dos alicerces da semiologia, nomes como os de Saussure, Jakobson, Propp, Benveniste e Brecht foram evocados para apontar, como afirma Barthes (BARTHES, 2002d, p.191), a importância e a fecundidade que o trabalho de tais pesquisadores tiveram em relação à pesquisa e aos interesses de Barthes ele mesmo¹. Ressaltamos a importância dessa perspectiva de Barthes em se colocar como a medida para se pensar os estudos semiológicos na França, pois identificamos este ponto de interesse à proposição que este trabalho pretende desenvolver acerca da virada de postura intelectual e escritural que ele operou nesta década. Ora, acreditamos que essa virada esteja ligada a uma nova maneira de Barthes se colocar em sua escritura, de incidir subjetivamente em sua produção, ligando a atividade acadêmica, profissional, a um trabalho de inscrição de subjetividade. Este trabalho pretende seguir

¹“Ces exposés visaient à dresser un bilan du travail sémiotique em France durant les dix dernières années; toutefois on n’entendait pas établir une histoire exhaustive de cet travail; éloigné de tout didactisme et de tout palmarès, le projet visait à isoler dans les oeuvres des fondateurs de la sémiologie le thème dont le temps a consacré l’importance et la fécondité, au égard au travail sémiotique qui se poursuit actuellement dans le cadre de cette direction d’études.”(BARTHES, 2002d, p.191, grifo nosso)



algumas pegadas de modo a recompor o caminho trilhado por Barthes nesse período de 1961 a 1971-1972, no marco da década. Consideramos a inscrição da subjetividade de Barthes como chave de leitura para realizar nossa argumentação.

Partimos de um trecho redigido pelo próprio Barthes que consta no relatório final sobre o Seminário de 1971-72, *10 anos de semiologia- A teoria do Texto*. Observando o caráter de registro desse tipo de documento, Barthes elenca rapidamente, como o fez ao final de todos os seminários propostos na *École pratique des hautes études*, doravante *EPHE*, as principais informações acerca deles. Constam nesses relatórios² diversos dados, a exemplo da dinâmica dos seminários, dos alunos que participaram e apresentações de suas pesquisas que lá ocorreram, e uma breve apresentação dos temas propostos por Barthes seguida às vezes de apreciações suas. Na passagem que nos interessa não ocorre algo diferente: Barthes se ocupa em relatar as atividades daquele seminário (71-72) quando descreve o momento em que ocorreu uma espécie de virada em sua trajetória. A passagem é a seguinte:

On a ensuite degagé les principaux repères terminologiques et chronologiques de la sémiologie, en plaçant le mot dans son champ sémantique ('Sémiotique', 'Herméneutique', 'Linguistique') et en fixant à 1966 à la fois le sommet et le centre de diffraction du travail contemporain; (...). (BARTHES, 2002d, p. 191-192, grifo nosso)

O olhar retrospectivo de Barthes e, especialmente, a sua indicação do momento em que operou uma mudança na direção de seu trabalho até a contemporaneidade de onde enuncia, o ano de 1972, é nosso ponto de interesse. Ora, no seminário que tinha como objetivo repensar seus dez anos de pesquisas semiológicas, Barthes aponta o ano de 1966 como marco que atraiu e ao mesmo tempo irradiou suas propostas de trabalho. Uma das perguntas que movem este artigo diz respeito à eleição dessa data como marco: em que sentido seria ela importante? Dela, sucederam as seguintes questões: Como tal virada se deu? Como ocorreu tal processo de difração mencionado por Barthes³?

Esperamos encontrar aí alguns sinais que nos ajudem a compreender porque Barthes aponta tal ano como centro de difração. Na verdade, nossa proposta se baseia na concepção de que essa virada, esse '*centre de diffraction*' da produção barthesiana, reside em uma nova maneira de pensar o sujeito da enunciação na cena do texto, tal como argumentamos a seguir. Vale dizer que não se considera apenas que essa nova maneira de inscrição do sujeito na

² Esses relatórios encontram-se publicados cronologicamente nos cinco tomos das *Oeuvres Complètes* de Roland Barthes organizadas por Éric Marty (2002a, 2002b, 2002c, 2002d, 2002e).

³ O termo *diffraction* é empregado por Jacques Derrida em seu texto *La Dissémination*, publicado na "Tel Quel" de 1970.



escritura seja a responsável por todo o novo direcionamento em que a produção barthesiana se orienta. Juntamente a ela, uma ideia de disseminação, de espaço, de escalonamento, de dispersão se associam. É a partir dessa leitura que este trabalho vai se construir.

2. BARTHES, o homem estrutural, o homem criador

“(…) não é a natureza do objeto copiado que define uma arte (…), é o que o homem lhe acrescenta ao reconstruí-lo: a técnica é o próprio ser de toda criação.”

(BARTHES, 2013, p.52)

É a imagem de um eufórico Barthes estruturalista que vemos no início dos anos de 1960. É, inclusive, um Barthes designado como “figura central do estruturalismo” que tentam fixar como imagem, associando sua figura à liderança junto àquele grupo. A charge dos quatro gurus do movimento se tornou icônica e ao mesmo tempo em que tutelava, zombava daquela estranha tribo: Lévi-Strauss, Barthes, Lacan e Foucault quase nus, com apetrechos indígenas, sentados em roda, à maneira de quem participa de um ritual. A cena sugeria que os quatro ali presentes compartilhavam alguma coisa.

De acordo com os quatro, no entanto, essa ideia de movimento não é senão também imagem, projeção. Não houve “estruturalismo”, mas “estruturalismos”. Cada um à sua maneira se valeu dos preceitos da linguística e desenvolveu suas próprias pesquisas. Certamente houve algumas trocas entre eles, mas elas ocorreram indiretamente e não a partir de pesquisas realizadas em conjunto. A participação de alunos que seguiam os seminários e cursos de cada um deles ao mesmo tempo foi oportuna para reforçar o diálogo entre suas pesquisas, uma vez que os estudantes eram responsáveis por colocá-los a par, ainda que não deliberadamente, das pesquisas dos outros. A publicação dos textos metodológicos em revistas, assim como dos livros, também funcionava como maneira de atualizar um acerca da pesquisa do outro. Uma ligação formal entre eles, no entanto, não ocorreu: Lévi-Strauss se negou a orientar a tese de Barthes sobre o sistema da moda, por exemplo, assim como não há relatos de ter havido qualquer espécie de encontro entre eles – como grupo – para se discutir teoricamente sobre algo. Em artigo de 1963, por exemplo, Barthes se propõe a pensar a atividade estruturalista e respondendo à pergunta “o que é o estruturalismo” afirma que este “Não é uma escola nem mesmo um movimento (pelo menos por enquanto), pois a maior parte dos autores que se associam geralmente a essa palavra não se sentem de modo algum ligados entre eles por uma solidariedade de doutrina ou de combate. É apenas um léxico (…”. (BARTHES. 2013, p.49)



A imagem do grupo estruturalista que se consolidou também operou pela identificação deles a um aspecto organicista, estrutural até. François Dosse (2007, p.117) insiste na figura do “pai severo” de Lacan contraposto à “figura-mãe” de Barthes, se esforçando para reconstruir a sua argumentação por meio do viés da diferença, princípio estrutural aprendido com Saussure. Apesar desse emprego um tanto quanto forçado, conquanto didático, Dosse demonstra a sensatez de sua via de análise ao apontar toda a nuance que a produção barthesiana apresenta. A própria escolha do termo “figura-mãe” para designar Barthes assinala a constituição afetiva deste em relação ao seu trajeto. Essa dose de afeto (maternal) está ligada, aliás, a todas as outras características que Dosse levanta (2007, p.117). Ora, Barthes apresenta a “mobilidade” e “flexibilidade diante das teorias”, uma vez que é a “encarnação ondulante e sutil, feita mais de humores do que de rigor” do estruturalismo. Por isso é chamado também de “o melhor barômetro, capaz tanto de registrar as perturbações em curso quanto de pressentir as que estão por acontecer. ”. Barthes, como “indicador sensível do estruturalismo” apresenta essa “sensibilidade extrema” que encontrará “no âmbito das estruturas o meio de exprimir-se”. No entanto, mesmo ao definir a estrutura à qual Barthes se apegava, Dosse modaliza sua definição ao apontar que se trata de uma “estrutura cambiante, mais uma cosmogonia encarnando o universo fusional da relação com a imagem materna do que uma estrutura binarizada funcionando como uma mecânica implacável. ” Barthes é ainda, para Dosse, um “magneto”, “receptáculo do período”. Ocupando uma “posição-encruzilhada”, Barthes será “amado porquanto se exprime nele mais do que um programa metodológico”.

Como se viu, a apresentação de François Dosse sobre Roland Barthes se pauta tanto pela atenção ao seu interesse e ao seu fascínio pelo pensamento estrutural quanto pela sua inclinação guiada por uma sensibilidade particular. Esse testemunho de Dosse concorre para a argumentação deste trabalho no sentido de pontuar que Barthes, mesmo como uma das figuras centrais ou “vedetes” do estruturalismo (DOSSE, 2007, p. 114), não deixava de indicar uma força advinda de sua subjetividade e de sua individualidade. Assim, ainda que euforicamente tocado pela ânsia de cientificidade e de classificação da qual fala Éric Marty (2006), e que inclusive sua produção nesse período não desmente, a cintilação de um sujeito e toda a sua idiossincrasia são por vezes ali percebidas. Talvez seja na confluência entre sujeito e incursões acadêmicas e profissionais que seus interesses e caminhos foram se delineando e se dando a ver. Tanto o é assim que a própria definição dada por Barthes a respeito da atividade



estruturalista, empreendida pelo homem estrutural, seja o encontro do caráter científico e do criativo:

Pode-se, com efeito, presumir que existem escritores, pintores, músicos, aos olhos dos quais um certo exercício da estrutura (e não mais somente seu pensamento) representa uma experiência distintiva, e que é preciso colocar analistas e criadores sob o signo comum do que se poderia chamar de *homem estrutural*, definido não por suas ideias ou suas linguagens, mas por sua imaginação, ou melhor ainda, seu *imaginário*, isto é, o modo como ele vive mentalmente a estrutura.” (BARTHES, 2013, p.50)

Certamente que quando Barthes fala dessa tal atividade estruturalista, e desse aparente homem modelar, ele está falando dele mesmo em relação a sua ação, a sua produção e ao seu sentir no mundo. Valendo-se desse ser que pode encarnar uma gama de atividades diferentes (pintores, escritores, etc.) e que pode ser idealmente recolhido na imagem do homem estrutural, é o imaginário de Barthes ele mesmo que está sendo por ele delineado. Homem estrutural cujo imaginário se vê como aquele que empreende a atividade estruturalista: esta é constituída de dois tempos, desmontagem e arranjo⁴. Imaginário que não se contenta em acreditar que esses dois tempos signifiquem atividades meramente mecânicas tais como estas. Nesse processo, e aí está a felicidade desse Imaginário e a piscadela da idiossincrasia barthesiana, “produz-se algo novo” (BARTHES, 2013, p. 51). O homem estrutural assume assim o poder do criador; tal como o poeta ele desmonta e arranja o sistema a sua maneira, cria um outro universo, autônomo, com suas leis de operação e de funcionamento. O que esse sujeito acrescenta ao objeto reconstruído configura todo o fascínio e o poder que Barthes atribui ao homem estrutural ao projetar a si mesmo como imagem de tal figura. Seu fascínio pelo poder quase mágico da atividade re-criadora se revela pela piscadela mencionada acima que identificamos no trecho citado: o itálico empregado nos termos “*algo novo*” da frase “produz-se *algo novo*” parece-nos sutilmente fazer cintilar o sujeito que se enuncia nessa sentença. É como se escrever apenas “produz-se algo novo”, sem o emprego do itálico, a presença desse poder de criação do sujeito não fosse devidamente indicada. Quando as letras desses dois termos levemente se ondulam à direita, o efeito de reconstrução através do arranjo do objeto se dá efetivamente a ver e, conseqüentemente, as ‘mãos’ do sujeito que os rearranjam dão-se a ver no brilho do itálico.

⁴ “A atividade estruturalista comporta duas operações típicas: desmontagem e arranjo. Desmontar o primeiro objeto, o que é dado à atividade de simulacro, é encontrar nele fragmentos móveis cuja situação diferencial gera certo sentido; o fragmento não tem sentido em si, mas é, entretanto, tal que a menor variação trazida a sua configuração produz uma mudança do conjunto (...)” (BARTHES, 2013, p.52)



Dessa maneira, pode-se identificar a presença de um sujeito que procede de modo a se mostrar-esconder nas tramas do discurso, mas sabendo dos efeitos que produz enquanto criador seja de sistemas, seja de textos.

Talvez escrito em paralelo ao texto sobre a atividade estruturalista, os *Elementos de Semiologia*, produzido com vistas ao uso instrumental e apostilar devido a seu caráter propedêutico, foi publicado integralmente na Revista *Communications* em 1964, tornando-se uma das publicações identificadas como produzida no calor do estruturalismo. Tendo como proposição a original inversão da Linguística em modelo para a semiologia (retomando e ao mesmo tempo subvertendo Saussure), o material é desenvolvido fundamentalmente a partir de uma proposta estrutural: quatro capítulos que se baseiam nas oposições binárias 1.Língua e Fala; 2.Significado e Significante; 3. Sintagma e Paradigma e 4.Denotação e Conotação. Certamente que a própria formatação do texto já aponta esse embasamento científico, racional do pensamento estrutural. O binarismo, o caráter distintivo, a maneira modelar de exposição de cada capítulo, a aplicação coextensiva do princípio da linguística aos outros sistemas semiológicos – vestuário, comida, automóvel, mobiliário, cinema, televisão, publicidade – indiscutivelmente constituem a base dessa proposta e a constituem o cerne da proposta estrutural e, portanto, científica.

Por trás do imaginário desse homem estrutural que aqui identificamos a Roland Barthes, pode-se reconhecer também na redação dos *Elementos de Semiologia* essa inclinação para o caráter provisório e não-assertivo que se encontra na contramão do pensamento científico. Na Introdução ele escreve, por exemplo: “Solicitada algum dia sem dúvida a transformar-se, a Semiologia deve entretanto, primeiramente, quando se constituir, pelo menos *ensaiar-se*, explorar suas possibilidades – e suas impossibilidades.” (BARTHES, 2012a, p.15). Neste trecho devemos atentar primeiramente para esse mencionado tom provisório em “Solicitada algum dia sem dúvida a transformar-se” (grifo nosso), o advérbio indica como o enunciado coloca em suspenso a noção de que a semiologia, como ciência, seja eterna. Barthes, aliás, vai justamente historicizar o caráter atemporal que a ciência pretende se atribuir e inclui a ciência geral dos signos aí. Outro indício dessa constituição não-assertiva que o imaginário barthesiano expõe se encontra na passagem que reconhece as possibilidades e as impossibilidades dessa ciência e, sobretudo, no modo em como enuncia a instauração de tal ciência. Longe de usar um léxico que indique solidez, robustez, atemporalidade e autoridade, o autor usa o vocábulo “ensaiar-se”, acrescentado do itálico. O tom de



flexibilidade e de modulação que o termo sugere é claro. No mesmo nível semântico de “experimental”, “tentar”, “praticar”, etc., identifica-se a sugestão de não-asserção e de incerteza que confirma a ideia de que incondicionalmente, sem dúvida a semiologia vai transformar-se.

Em outra passagem, Barthes também figura em seu próprio texto, colocando-se em relação a seus próprios interesses de trabalho e sinalizando os desdobramentos possíveis da semiologia:

casos de acavalamento (*overlapping*): [a mensagem encavala-se sobre o código:estilo indireto, nomes próprios(...)] “os *shifters*(ou “engatadores”) **constituem, indubitavelmente, a mais interessante estrutura dupla**; o exemplo mais acessível do shifter é dado pelo pronome pessoal (*eu, tu*), ‘símbolo indicial’ que reúne em si o laço convencional e o laço existencial. (...) Os pronomes pessoais constituem a última aquisição da linguagem infantil e a primeira perda da afasia: são termos de transferência difíceis de se manejar. **A teoria dos *shifters* parece pouco explorada ainda; é, entretanto, muito fecundo, a priori, observar, se se pode dizer assim, o código às voltas com a mensagem** (pois o inverso é muito mais banal); **seria talvez (e aí vai apenas uma hipótese de trabalho) junto aos *shifters*, que são, como vimos, símbolos indiciais, segundo a terminologia de Peirce, que se deveria procurar a definição semiológica das mensagens que se situam nas fronteiras da linguagem, sobretudo certas formas de discurso literário.**” (BARTHES, 2012a, p.31, grifo nosso)

Além dessa sua explícita participação no texto por meio da indicação de desdobramentos de áreas fecundas de pesquisa e temas de interesse (notadamente em “casos de acavalamento (...) constituem, indubitavelmente, a mais interessante estrutura dupla”), podem-se identificar aí questões que vão aparecer em seus textos futuros, tais como a maneira como enuncia em *Roland Barthes por Roland Barthes*, isto é, como o manejo do pronome pessoal (eu/ele) concorre para a instauração de um discurso que se coloca nas fronteiras da linguagem.

Essas características apontadas acima certamente coincidem com a apresentação de Dosse acerca de Barthes, enfim, com sua “mobilidade”, sua “flexibilidade diante das teorias” que o fazem a “encarnação ondulante e sutil, feita mais de humores do que de rigor” e também “o melhor barômetro, capaz tanto de registrar as perturbações em curso quanto de pressentir as que estão por acontecer.” (DOSSE, 2007, p.117).

Na verdade essas características parecem apontar também outro aspecto notado por Dosse e que é a sensibilidade que constitui esse sujeito. Essa sensibilidade não pode deixar de ser associada ao caráter de recriação a que interessa ao homem estrutural e Barthes bem o percebe que não é do lado da classificação, do que pode ser totalmente conhecido, do lógico e



do racional que os desdobramentos da semiologia vão desembocar, pois diz ele: “Todavia, o futuro sem dúvida pertence a uma Linguística da conotação, pois a sociedade desenvolve incessantemente, a partir do sistema primeiro que lhe fornece a linguagem humana, sistemas de segundos sentidos (...)” (BARTHES, 2012a, p.114). Barthes dessa maneira, no início dos anos de 1960, intui o futuro dos estudos em relação à linguagem, que o olhar retrospectivo pode confirmar o acerto em direção à pluralidade e à disseminação do sentido, isto é, em direção aos segundos sentidos dos sistemas. É desse modo, portanto, que o seu colocar no texto já nesse momento estrutural pode ajudar a indicar os movimentos que esse sujeito vai operar futuramente e os desejos que o movem. Como ele o quisera desde que tornou público seus *Elementos de Semiologia*, a pesquisa semiológica de base estruturalista figurou como um ponto de partida. Nesse sentido, como barômetro, Barthes já aponta como sua escritura vai cada vez mais se constituir nas fronteiras da linguagem.

Para Marie Gil (2012, p.272), o estruturalismo de fato foi o momento privilegiado para Barthes para refletir sobre sua escrita, isto é, para fundá-la. Nesse momento ele teria experimentado já a criação por meio de sua “escritura científica” – termos de Gil – em *Crítica e verdade*, por exemplo. Assim, pois, o estruturalismo teria sido definitivamente constitutivo de sua produção futura em direção a um percurso que se interessaria pela criação, isto é, pela produção de algo novo, em detrimento do classificatório, do modelar, do finito.

É essa questão da finitude/infinitude que pode nos ajudar a compreender o movimento que Barthes empreende no seu momento estrutural em direção a uma compreensão mais aberta do texto. A frase inaugural de “A análise estrutural das narrativas”, de 1966, já apela ao caráter incontável e, portanto, misterioso, das narrativas: “Inumeráveis são as narrativas do mundo” (BARTHES, 2001, p. 103). No entanto, ainda ansiando por encontrar o que há de invariável, de comum, de semelhante, o Barthes estrutural procede à instauração de operações para tornar mais conhecido, portanto menos misterioso, o que constitui as narrativas. Como se vê, a questão aqui diz respeito à possibilidade de se mapear um número de traços finitos na tentativa de tornar o objeto estudado, a literatura, o mais inteligível possível.

No entanto, no próprio desenrolar do texto, Barthes em alguns trechos enuncia a dificuldade em incorrer em tal procedimento de exaustão: em relação às funções e aos índices, elementos que operacionalizam a narrativa, Barthes expõe a dificuldade em exaurir o sentido de cada um deles nas narrativas específicas. Um índice não é sempre um índice de um sentido apenas: o sentido extrapola a tentativa de qualquer delimitação do sentido. Na tentativa de



encontrar o sentido, farejá-lo, classificá-lo, escrutiná-lo, conhecê-lo, torná-lo absolutamente familiar, Barthes começa a perceber e, explicitamente, dar mostras da percepção de que em relação ao sentido não há qualquer tipo de garantia.

Aliás, quando empreende sua busca por uma série de elementos que poderiam ser utilizados para encontrar as semelhanças, as funções que coincidem – que se repetem – em inumeráveis narrativas, percebe que é justamente o escapar da repetição que torna a narrativa ‘maravilhosa’. É na variação de uma forma primeira que Barthes indica residir o poder da narrativa:

Poder-se-ia dizer de outra maneira que a origem de uma sequência não é a observação da realidade, mas a necessidade de variar e de ultrapassar a primeira *forma* que é oferecida ao homem, a saber, a repetição: uma sequência é essencialmente um todo no interior do qual nada se repete; a lógica tem aqui um valor emancipador – e toda narrativa com ela (...) (BARTHES, 2001, p.151-152)

Não são, portanto, as ações, sua sequência e o arranjar dessas sequências o grande achado da análise estrutural empreendida por Barthes, mas são as percepções que tal análise possibilitou a ele. É percebendo ao mesmo tempo a possibilidade e a necessidade de variação, da diferença na repetição, que Barthes percebe o valor emancipador, porque plural, da narrativa. Nesse sentido é que a expansão e o ilimitado parecem conviver nesse momento da análise estrutural com essa busca primeira pelo comum, proposta inicial d’*Análise estrutural das narrativas*. A importância da estrutura e a possibilidade infinita de combinações e acréscimos que ela impele fazem da frase o modelo por excelência da virtuosidade da narrativa e do fascínio que ela gera:

As catálises, os índices e os informantes têm na verdade uma característica em comum: são *expansões* com relação ao núcleo: os núcleos (...) formam conjuntos acabados de termos pouco numerosos, são regidos por uma lógica, são ao mesmo tempo necessários e suficientes; dada essa armadura, as outras unidades vêm preenchê-la segundo **um modo de proliferação em princípio infinito**; como se sabe, é o que acontece com a frase, feita de proposições simples, complicadas ao infinito por duplicações, encontros, envoltórios etc.: como a frase, a narrativa é infinitamente catalisável. **Mallarmé dava tal importância a esse tipo de estrutura que fez dela o seu poema *Jamais un coup de dés* [Nunca um lance de dados...], que bem pode ser considerado, com seus ‘núcleos’ e seus ‘ventres’, suas ‘palavras-núcleos’ e suas ‘palavras-rendas’, como o emblema de toda narrativa – de toda linguagem.** (BARTHES, 2001, p.122-123) (grifo nosso)

Os núcleos podem ser infinitamente expandidos e essa mágica se deve à existência da estrutura. Dessa maneira, pode-se começar a identificar uma passagem da compreensão de estrutura em direção a outra abordagem. Não estamos afirmando que a “A Introdução à



análise estrutural das narrativas” constitua esse momento de passagem, mas em determinados momentos Barthes dá mostras de que a sua conscientização da estrutura tal como era pensada e trabalhada apresenta limitações. Essa passagem acima, portanto, indica novos encaminhamentos de compreensão da narrativa e, assim, da literatura. Essa abertura de compreensão, de fato, foi indicada justamente pela literatura: é Mallarmé quem ajuda Barthes a ver que a frase pode ser ampliada, expandida, e que as palavras podem, como rendas, começar a se ampliar no espaço.

3. Travessia: da estrutura como rendas e pregas

“A Introdução à Análise Estrutural das Narrativas” é um texto em embate. Barthes ali formula passagens que surpreendentemente indicam uma percepção mais aberta da estrutura e do sentido ao mesmo tempo em que postula algumas impossibilidades a essa abertura. Os trechos seguintes são respectivamente exemplares dessa constituição dúbia: “A estrutura da narrativa está em forma de *fuga*” (BARTHES, 2001, p.129); “Existe uma liberdade da narrativa, mas essa liberdade é literalmente limitada.” (BARTHES, 2001, p.150). Ora, a primeira citação se complementa justamente com o argumento de que o sentido da narrativa não está no fim dela mesma, mas que ele a perpassa (BARTHES, 2001, p.112). Assim, constituindo-se à medida que é construído, o sentido vai fazendo-se, na horizontal e na vertical, uma vez que a narrativa “possui e aspira” (BARTHES, 2001, p.129). As frases que vão se adiantando às outras (horizontal) juntamente com todo aquele volume de texto dos parágrafos anteriores e posteriores (vertical) à frase a qual se lê configuram o espaço onde o sentido vai se constituindo. A segunda citação nesse item 2 mostra como Barthes ainda pensa em como as funções do texto narrativo podem ir apresentando bifurcações que condicionam finalmente seu aspecto limitado. Ora, uma escolha encaminha a uma possibilidade específica que vai limitar as outras escolhas que devem ser feitas no plano da narração.

Essa ideia de limitação da narrativa evoca a questão da repetição, do reconhecido, enfim, do invariável que o estruturalismo se constitui e que é da ordem de uma ideia do saber científico. Sabemos o quanto esse campo de saber é devedor da ideia de objetividade que concorre para configurar esse discurso no espaço da racionalidade. De certa forma, a noção de subjetividade versus objetividade pretendida pelo discurso científico começa a atrair a atenção de Barthes por volta de 1966-67.



Uma série de proposições discutidas na época despertam o interesse de Barthes. A participação de Julia Kristeva no seminário em que aquele pesquisa o discurso da História, as pesquisas de Émile Benveniste sobre enunciação, a publicação de Derrida de obras que forcem o estruturalismo a se radicalizar parecem compor um cenário bastante fecundo de questionamento da pesquisa realizada até então.

Essa série de condições e encontros deságua na revisão de Barthes de alguns propósitos de sua atividade, revisão essa apresentada no texto “Da Ciência à Literatura”⁵, publicado no Times Litterary Supplement de 1967:

Resta ao estruturalista transformar-se em ‘escritor’, não para professar ou praticar o ‘belo estilo’ mas para reencontrar os problemas candentes de toda enunciação. (...) Essa transformação exige alguns esclarecimentos – ou reconhecimentos. Em primeiríssimo lugar, já não se podem pensar as relações de subjetividade e da objetividade (...). A objetividade e o rigor, atributos do cientista, com que estão ainda a nos azucrinar, são qualidades essencialmente preparatórias, necessárias no momento do trabalho e, em função disso, não há razão alguma para suspeitá-las ou abandoná-las; mas essas qualidades não podem ser transferidas para o discurso, senão por uma espécie de passe de mágica, um procedimento puramente metonímico, que confunde a *precaução* e o seu efeito discursivo. Toda enunciação pressupõe o seu próprio sujeito, quer esse sujeito se exprima de maneira direta, dizendo *eu*, quer indireta, designando-se como ele, quer nula, recorrendo a formulações impessoais; trata-se de engodos puramente gramaticais, variando o modo apenas como o sujeito se constitui no discurso, ou seja, dá-se teatral ou fantasisticamente aos outros; todas designam formas do imaginário. (BARTHES, 2012, p.8-9)

Nessa passagem, vê-se como o homem estrutural, com seu imaginário criador, caminha em direção à criação total ao se transformar em escritor. Tocado pelos estudos de Benveniste, Barthes assume que toda enunciação pressupõe o seu próprio sujeito e que as categorias de subjetividade e de objetividade devem ser pensadas em relação à maneira como o sujeito se coloca no seu próprio discurso. É nessa virada de proposição barthesiana que se identifica como ele revê a sua figuração em seus próprios textos. Reconhecendo os engodos que as formulações gramaticais possibilitam, Barthes começa a trilhar um caminho no qual se insere deliberadamente como sujeito da enunciação em sua produção adiante. Um exemplo pode ser dado em relação a como identifica que o discurso histórico, percepção extensiva ao discurso científico como um todo, é “uniformemente assertivo, constativo.” (BARTHES, 2012b, p.172-173). Ora, ali não se considera colocar em dúvida a instância de enunciação por

⁵ No original, o texto se intitula “Science versus Litterature”, tendo sido recolhido no *Rumor da Língua* com o título “De la science à la littérature” (BARTHES, 2002b, 1263).



meio de formulações duvidosas ou negativas. Nesse sentido, diz Barthes, “há censura radical da enunciação” sendo que “ninguém está presente para assumir o enunciado” (BARTHES, 2012, p.173).

É desse engodo que Barthes quer fugir, assumindo-se totalmente na sua enunciação, sendo que ele vai se tomar como ele (*Il*) ou o senhor (*Vous*) apenas mais a frente em *Roland Barthes por Roland Barthes*⁶. Nesse momento que nos interessa mais especificamente, o final dos anos de 1960, Barthes está percebendo como a sua inscrição no discurso pretende-se altamente como uma forma de expor o lugar do sujeito, jamais o omitindo. De fato, ocorre o contrário, Barthes deseja se inscrever aí de forma tal que começa a compreender a escritura como um espaço. Nesse mesmo texto publicado em inglês, Barthes afirma que “a palavra literária é **profunda como um espaço**, e esse espaço é o campo da análise estrutural (...)” (BARTHES, 2004, p.7) (grifo nosso). Isto é o que ele também confirma no relatório final sobre o seminário do discurso da história, oferecido neste mesmo ano:

“(...) lembrando que se a frase é o objeto próprio e último da linguística, restou a explorar, segundo as vias da análise estrutural, o conjunto de enunciados superiores à frase, ou discurso; nós constatamos que esta exploração foi realizada com seus meios próprios pela retórica clássica, mas que a ruptura epistemológica que marcou a segunda metade do século XIX, conduziu a literatura bem além da retórica, em direção a uma contestação das categorias fundamentais da linguagem, pessoa, tempo, diátese: **o discurso literário, levando em conta o que a ‘gramática’ não pode dizer, aparece agora como uma ‘remuneração’, segundo a palavra de Mallarmé, das falhas da língua. Esta subversão se torna completa pela constituição de um verdadeiro espaço de linguagem, colocado em jogo pela literatura, não mais como uma simples linha de discurso à serviço de uma lógica do verdadeiro, mas como um poligrafismo que visasse a fazer dialogar entre si as escrituras e as lógicas**: nós fomos auxiliados nesse ponto pelos trabalhos de M. Bakhtine et de Julia Kristeva.” (BARTHES, 2002b, p. 1293) (grifo nosso) (tradução nossa)

Na verdade, essa passagem reúne inúmeras questões que devem ser levantadas e que, a nosso ver, contribuíram para o avolumar da noção do discurso literário para Barthes: todo o percurso barthesiano, que se realizou a propósito dos seminários, como a pesquisa sobre a retórica (e a pesquisa do discurso da história) lhe deu elementos e argumentos que mostraram a sua insuficiência a partir da segunda metade do século XIX. Não são os elementos que podem ser inventariados e recuperados em uma gramática que importam nesse momento, mas

⁶ Aí, poderíamos dizer, ele se constitui, “(...) dá-se teatral ou fantasisticamente, aos outros” (BARTHES, 2004, p.9), embaralhando sua constituição nas “formas do imaginário”. Considera-se que ele em 1974-1975 radicaliza de veras sua apropriação da língua e a sua constituição nela como escritor.



justamente o que foi subtraído, obliterado no discurso retórico até então. A importância de Mallarmé torna-se vultuosa, uma vez que é ele quem radicaliza a sensação da materialidade e da virtualidade da língua. Ele é quem (precedido por Flaubert, isso posto por Barthes em *O grau zero da escritura*) de fato faz explodir a linearidade do discurso, avolumando-a em espaço. A sua poligrafia seria então esse projetar do discurso em todas as direções da página que o poema *Un coup de dés* inaugurou. Finalmente, a leitura que Barthes realiza dessa empresa explosiva – intuída em “A introdução à análise estrutural das narrativas” nas palavras-rendas de Mallarmé – encontra interlocução com o dialogismo de Bakhtin via Julia Kristeva, uma das participantes do seminário sobre o discurso da História (1966-1967), e com as proposições de Benveniste acerca da mudança epistemológica que as novas noções de pessoa, tempo, voz proposta por seus estudos linguísticos trouxeram – também profundamente trabalhadas nesse seminário.

De fato, o ano de 66 é “*à la fois le sommet et le centre de diffraction du travail contemporain (...)*” como Barthes registra no relatório final do seminário “10 anos de semiologia- A teoria do texto” (BARTHES, 2002d, p. 191-192), argumento de onde partiu este artigo. É ali que se operam os encontros textuais e os investimentos de Barthes para uma compreensão mais aberta da ideia do texto literário.

A *Análise textual de um conto de Poe*, de 1973, indica como Barthes revê e propõe uma nova ideia de análise. Ali ocorre a passagem da análise estrutural para a textual, momento em que ele já concebe o plural do texto, isto é, concebe como se opera a significância do mesmo. Aqui o interesse é perceber a estruturação e não mais o texto como estrutura, o texto como produção e não mais como produto. Para tal, Barthes propõe ver as avenidas do sentido, ou seja, e sentido em vias de se fazer (BARTHES, 2001, p. 304). Consideramos que nesse momento é introduzido no pensamento barthesiano um importante elemento, que é a leitura. Ora, para ver como o sentido se constitui em “avenidas”, como ele é passagem, travessia, é a leitura de cada sujeito que vai operar, elencar, notar e identificar tal passagem como significativa.

Assim é que a instauração da leitura como método constitutivo da análise textual importa; consideramos ser ela a via que acaba por inscrever finalmente um eu no texto. Afinal, é a leitura de um sujeito especificamente inscrito que tece e estabelece as relações. Desse modo, pensamos em conciliar a inscrição de um *Je* como sujeito que empreende a leitura ao processo final de explosão e dispersão do texto, uma vez que é tal sujeito que pode



de fato atravessar o texto, percorrer seus sentidos e estilhaçá-los. De fato, a imagética das palavras-renda e da tomada do espaço que vão, aqui neste texto sobre Poe, ser multiplicadas:

A análise textual não procura saber por que o texto é determinado (reunido como termo de uma causalidade), mas antes como ele **explode e se dispersa**. (BARTHES, 2001, p.304)

Nosso objetivo é chegar a conceber, a imaginar, a viver o **plural** do texto, a **abertura** da significância. (BARTHES, 2001, p.305)

A esse vocabulário que sugere o infinito – explode, dispersa, plural, abertura – soma-se a afirmação da arbitrariedade da escolha dos elementos significantes: Em suma, o parcelamento do texto narrativo em lexias é puramente empírico, ditado por uma preocupação de comodidade: a lexia é um produto arbitrário (...) (BARTHES, 2001, p. 306)

Isso ocorre devido ao fato de a leitura ser relativa à experiência de cada sujeito que arbitrariamente efetua escolhas, deliberadas ou não, de produção de sentido. Por isso, cada leitura será uma travessia, uma passagem, que não esgota o texto como produto, mas como produção. Nesse sentido, a passagem abaixo é sintomática dessas questões, a saber, a inscrição de um sujeito que se inscreve no texto (figurando-se na terceira pessoa do plural); o abandono de uma proposta do texto como estrutura fechada e que se pode ser atingido via planejamento; a importância da leitura como método, isto é, como maneira de percorrer os sentidos do texto:

Não construiremos um plano do texto e não procuraremos a sua temática; numa palavra, não faremos uma explicação do texto, a menos que se dê à palavra ‘explicação’ o seu sentido etimológico, na medida em que desdobraremos o texto, o folheado do texto. Deixaremos para a nossa análise o andamento mesmo da *leitura*; simplesmente, essa leitura será, de algum modo, filmada em *câmara lenta*. (BARTHES, p.306-307)

Como se lê acima, é a própria leitura que vai suscitar os trajetos da análise uma vez que é o seu andamento que provoca o movimento do texto. Não há um momento de planejamento prévio ao método, assim como não há um método já determinado de antemão: nem se realiza um plano, nem se inicia a pesquisa a partir de sua temática, nem se visa à explicação. Quem lança os dados da análise é o próprio sujeito, em sua leitura. É ela que permitirá o desfolhamento e o desdobramento do texto. Essas imagens, aliás, vão no mesmo sentido da ideia de abertura, pluralidade, das rendas e do espaço que Barthes já havia sugerido. Além delas, por um procedimento que vai se tornar muito utilizado na obra barthesiana, a recorrência à etimologia, é introduzida uma outra imagem, a da explicação. No seu sentido etimológico, “a palavra explicar vem do latim e tem a ver com as plicas e as



dobras de um tecido. Quem em Roma trabalhava dobrando vestidos era chamada plicatrix. A preposição latina *ex*, entre outras, dava a ideia de tirar e abrir.

Mais uma vez as imagens ampliam-se, criando uma espécie de vertigem da sensação de abertura. Agora quem aparece, ainda que indiretamente, pelo sentido etimológico que Barthes não apresenta, apenas nomeia, são outras referentes ao universo têxtil (lembramos as palavras-rendas): as plicas – pregas – e dobras de um tecido, podem ser abertas, desdobradas, etc.. Somadas àquelas outras, alargam a noção espacial que o texto cada vez mais vai ganhando. Cada uma a seu modo, alavancadas pela ideia de pluralidade, participam da proposição barthesiana como fonte de plural e abertura do sentido como Barthes aponta ainda em “Análise textual de um conto de Poe”:

Enfim, não ficaremos excessivamente preocupados se, em nosso levantamento, ‘esquecermos’ sentidos. O esquecimento dos sentidos, de certo modo, faz parte da leitura: o que nos importa é mostrar *pontos de partida* de sentidos, não de chegada (no fundo, será o sentido alguma coisa mais do que a partida?) (BARTHES, 2001, p. 307)

Todas essas imagens reforçam a preocupação de Barthes em relação à instauração do sentido como ponto de partida. Sua abertura já não significa a necessidade de se chegar a algum lugar – como então acontecia no momento da “Análise estrutural das narrativas”. Se antes a limitação se encontrava no nível da análise da estrutura, agora Barthes decididamente aponta o caráter de abertura da estrutura: “É preciso reconhecer que a linguagem é infinita e estruturada.” (BARTHES, 2001, p.307). Assim, ele sustenta que é necessário conciliar essas contradições, sendo esse momento já indicador de um futuro percurso: o reconhecimento da existência da contradição⁷. Sendo assim, ele dá cada vez mais mostras de deserção do cientificismo que a ideia de estrutura uma vez possibilitou. Muito mais no encaminhamento do avolumamento da estrutura, Barthes afirma nesse momento que “A análise é uma *travessia* do texto” (2001, p. 308).

4. “dans ce monde qui est le mien” : do seme à disseminação

No seminário de 1967-1968, o estrutural ainda está no ar. Afinal, no título mesmo do seminário oferecido o encontramos: “L’analyse structurale d’une nouvelle de Balzac,

⁷ O início do *Prazer do Texto* Barthes chama à baila o leitor de texto e diz ser ele aquele que capaz de aguentar as contradições lógicas.



Sarrasine”. No entanto, se na “Introdução à análise estrutural das narrativas” a busca de Barthes girava em torno da noção de sentido entendido como *sème*, no seminário de 08 de fevereiro a ideia de disseminação já é apresentada:

J'appelle un signifié narratif un sème, car les sèmes peuvent se combiner pour former des ensembles : le vieillard étrange environ une dizaine de sèmes, disseminés dans le prologue. Sèmes > polysémie + **dis-sémination** ! Le signifié est un concept provisoire : il ne doit pas être conçu comme un *sens* dernier. Le signifié correspond à tout départ d'un code, toute ouverture sur la perspective des signes infinis : c'est une entrée sur une avenue du code ('passioné' > code de la passion). (BARTHES, 2011, p.68) (grifo nosso)

A combinação de *sèmes* determina a orientação do sentido. No entanto, o sentido nunca vai se colocar como um sentido último, uma vez que ocorre a disseminação, isto é, o código é tomado como ponto de partida que possibilita a abertura para o infinito do signo, para as 'avenidas' do código. Nessas avenidas, imagem retomada na “Análise textual de um conto de Poe”, a ideia é de travessia, de passagem do sentido. Outras imagens que retornam aqui de forma espiralar são as que sugerem a materialidade e a constituição têxtil: etimológica – e essencialmente – o texto é tecido. E como tal, a sua dimensão se projeta no espaço, ganha volume. É como o tapete, ou como a tapeçaria, em que as palavras e os sentidos nem se encadeiam nem se adicionam, mas se reenviam, se distribuem, se projetam, tanto entre eles mesmos quanto a outros textos:

Le discours n'est pas une ligne , mais un espace, un tissu (un texte), dont la 'perspective' peut avoir pour emblème l'anagramme saussurienne. Dans le texte, les mots ou les sens ne s'enchaînent ni ne s'additionnent : **ils se renvoient entre eux, ils renvoient à d'autres textes, à d'autres codes, selon un procès infini**. Le texte est constitué d'une infinité d'*images dans le tapis*. Tapis = images les unes dans les autres, sans que la trame puisse être jamais atteinte. La trame, c'est toujours **d'autres** images, **d'autres** structures, **d'autres** codes, dont la 'positivité' est sans cesse reculée. Il n'y a pas de structure fondamentale d'un texte autre que la perspective infinie des codes (...). (BARTHES, 2011, p.58-59) (grifo nosso)

Tal tecido, configurado como espaço, sempre se projeta para um lugar outro, um '*plus loin*', sendo que o sentido não se encontra em lugar nenhum em específico, a não ser no espaço produzido por essa disseminação, pelas pregas e pelas dobras do sentido. A recorrência do vocábulo *d'autres* nessa passagem é sintomática dessa dispersão, da poligrafia, enfim, da disseminação que constitui agora o texto.

Finalmente outra recuperação em espiral que o seminário faz, e que poderia ser prevista ao se pensar que nele se trata da ideia de espaço, é em relação a Mallarmé. Efetivamente Barthes reconhece estar na quebra da linearidade empreendida pelo poeta a



instauração de um espaço-volume do texto, sendo que com o *Coup de dés* o trabalho de leitura poderia ser repensado (BARTHES, 2011, p.83). Ora, é na compreensão da leitura como espaço que liga sujeito e texto que se opera a grande percepção barthesiana. A leitura como análise seria, como já sugerido anteriormente a propósito d' "Análise textual de um conto de Poe", o espaço em que o sujeito da enunciação se coloca e agencia os códigos, as estruturas, as imagens, operando via disseminação o sentido.

É por isso que em *S/Z* Barthes concebe a leitura como possibilidade de reescrita do texto. É a leitura – que cria o espaço entre sujeito e texto via disseminação – que garante a entrada do sujeito que lê e que quer reescrevê-lo. É aí, pois, que a inscrição do sujeito torna-se evidente e projeto de trabalho para Barthes: “*Que textes accepterais-je d’écrire (de ré-écrire), désirer d’avancer comme une force dans ce monde qui est le mien?*” ele se indaga. O sujeito individualiza-se nas escolhas enquanto lê, pois a sua forma realiza a disseminação do texto. A leitura e a escrita, em *S/Z*, são, portanto, justamente a entrada de Barthes no texto, isto é, como sujeito que o faz disseminar a partir de sua experiência específica, a partir da sua individuação de leitura.

Aqui ocorre a fundamental passagem do *Je* no trabalho de Barthes: sua enunciação sofre uma mudança fundamental e que cada vez mais passa a se constituir dispersamente nos textos futuros. Ora, é a partir daqui que seus textos vão sempre perturbar as classificações, deslizar nos campos de saber, dificultar e confundir a delimitação dos discursos: de que lugar de enunciação escreve o Barthes d’ *O Império dos Signos*, de *Sade, Fourier, Loyola*, do *Prazer do Texto*, de *Roland Barthes por Roland Barthes* e da *Câmara Clara*?

O que vai totalmente de encontro com nossa proposição, Barthes, em *S/Z*, afirma que o « *Je* » « *n’est pas antérieure au texte* (BARTHES, 2002c,p.126). É a partir da diferença e da disseminação que o sujeito da enunciação parece se constituir a partir da possibilidade de reescrever o texto de Balzac. *S/Z* é onde Barthes se dissemina, se dispersa no campo da diferença. É onde percebe que a literatura se faz eminentemente via diferença. Diferentemente do propósito da ciência, que se pretende *indiferente* (BARTHES, 2002c, p. 121), cujo operatório pode basear-se em um vai e vem demonstrativo, o texto passa a ser espaço por excelência que instaura a diferença.

É, mais uma vez, Mallarmé quem retorna, sempre na diferença, para ajudar a perceber como a ela é instaurada nesse espaço tecido pelo eu com o texto: “*Le sens n’y est jamais soumis à un principe de décision, sinon par un coup de dés.*” (BARHTES, 2002c,



p.123). Assim retorna também a arbitrariedade que concorre para impor um princípio de decisão por onde o sentido começa a se disseminar. Tal como o lance de dados, é pela apropriação que o sujeito opera que o sentido encontra um '*plus loin*'. É lá que se desdobram as plicas, os núcleos, as palavras, as rendas, o texto, tecido, o tapete, a diferença, a disseminação, a escritura, o eu.

Referências

BADIR, Sémir. & DUCARD, Dominique. *Roland Barthes en cours (1977-1980) : un style de vie*. Dijon : Éditions universitaires de Dijon, coll. "Écritures", 2009, 160 p.

BARTHES, Roland. *Album: Inédits, Correspondances et varia*. Paris: Seuil, 2015.

_____. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Crítica e Verdade**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. **Elementos de Semiologia**. Tradução de Isidoro Blikstein. 19.ed. São Paulo: Cultrix, 2012a.

_____. **Inéditos, Vol.1: teoria**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Inéditos, Vol.2: crítica**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Inéditos, Vol.4: política**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Le discours amoureux. Séminaire à l'École pratique des hautes études 1974-1976*. Paris: Seuil, 2007.

_____. *Le lexique de l'auteur. Séminaire à l'École des hautes études 1973-1974*. Paris: Seuil, 2010.

_____. **Oeuvres complètes: Tome I**. Nouvelle édition revue, corrigée et présentée par Éric Marty. Paris : Éditions du Seuil, 2002a.

_____. **Oeuvres complètes: Tome II**. Nouvelle édition revue, corrigée et présentée par Éric Marty. Paris : Éditions du Seuil, 2002b.

_____. **Oeuvres complètes: Tome III**. Nouvelle édition revue, corrigée et présentée par Éric Marty. Paris : Éditions du Seuil, 2002c.

_____. **Oeuvres complètes: Tome IV**. Nouvelle édition revue, corrigée et présentée par Éric Marty. Paris : Éditions du Seuil, 2002d.



_____. **Oeuvres complètes: Tome V.** Nouvelle édition revue, corrigée et présentée par Éric Marty. Paris :Éditions Du Seuil, 2002e.

_____. **O grau zero da escrita: seguido de novos ensaios críticos;** tradução Mário Laranjeira, 2ª.ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **O Império dos Signos.** Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

_____. **O rumor da língua.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012b.

_____. **Sarrazine de Balzac : Séminaire à l'Ecole pratique des hautes études 1967-1968, 1968-1969.** Paris: Seuil, 2011.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I.** Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5ª.Edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

_____. **Problemas de Linguística Geral II.** Tradução Eduardo Guimarães. 2ª. Edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

DOSSE, François. **História do estruturalismo.** Bauru, SP : EDUSC, 2007.

GIL, Marie. **Roland Barthes. Au lieu de la vie.** Paris:Flammarion, 2012.

MARTY, Éric. Présentation, In : BARTHES, R. Oeuvres Complètes. Paris : Seuil, 2002d.

_____. **Roland Barthes. La littérature et le droit à la mort.** Paris: Seuil, 2010.

MILNER, Jean-Claude. **Le pas philosophique de Roland Barthes.** Paris : Éditions Verdier, 2003.

MOTTA, Leda Tenório. **Roland Barthes: uma biografia intelectual.** São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2011.

NOVA, Vera Casa. &GLENADEL, Paula.(Orgs). **Viver com Barthes.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Com Roland Barthes.** São Paulo: Editora WMF, 2012.

_____. **Texto, crítica, escritura.** São Paulo: Ática, 1978.

_____ & MELLO, Maria E. Chaves de. (Orgs.). **De volta a Roland Barthes.**Niterói: EdUFF, 2005.

PINO, Claudia Amigo. **Em busca de uma vida nova: o projeto de romance de Roland Barthes.** Livre-Docência FFLCH. DLM: Estudos, Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês. São Paulo: 2013.